

Rainer Maria Rilke -- Primeira elegia de Duíno

David Mourão-Ferreira

Para citar este documento / To cite this document:

David Mourão-Ferreira, "Rainer Maria Rilke -- Primeira elegia de Duíno", *Colóquio/Letras*, n.º 165, Set. 2003, p. 54-56.

PRIMEIRA ELEGIA DE DUÍNO

Quem, se eu gritar, de entre as hierarquias dos anjos
me ouvirá? e supondo que um deles de súbito me tome
sobre o seu coração: ante a força de tal presença
sucumbirei decerto. Porque o belo é apenas
o início do terrível; a custo o suportamos
e, se logramos admirá-lo, é porque ele desdenha
destruir-nos. Todo o Anjo é terrível.

Preciso pois de me conter e recalcar em mim o grito de socorro
deste soluço obscuro. Ai de nós, a quem nos é então
possível recorrer? Nem aos anjos nem aos homens,
e os próprios animais por instinto percebem
que não somos de confiança, enquanto eles tão à vontade
se encontram no mundo interpretado. Resta-nos talvez
uma árvore sobre a encosta, e revê-la todos os dias;
resta-nos a rua de ontem, e a fidelidade de um hábito
que se achou bem entre nós e não mais nos deixou.
Oh, e a noite, a noite, quando o vento sob o peso dos mundos
nos rói o rosto; pois a quem se recusaria ela,
a desejada, e vagamente decepcionante, que diante do coração isolado
ergue a sua ameaça? A menos que aos amantes seja ela menos dura.
Ah, o pior é que um ao outro mascaram eles os seus próprios destinos.
Acaso ainda o não sabes? Arremessa de teus braços o vazio
em direcção aos espaços que respiramos; talvez as aves,
no seu voo mais íntimo, sintam melhor a vastidão do ar.
Sim, sem dúvida que de ti necessitam as primaveras.
Muitas estrelas aguardavam o teu olhar. Desde longe alevantada,
a teu encontro vinha uma vaga do passado; ou, então,
ao deambulares sob uma janela aberta, um som de violino
revelava-te o seu segredo. E tudo era missão.
Mas soubeste cumpri-la? Ou não estiveste sempre distraído
pela própria expectativa, como se cada coisa te anunciasse
uma bem-amada? (Onde em ti encontrarias
lugar para a receber, enquanto grandes e estranhos pensamentos
te visitam e logo te deixam, ou contigo permanecem
ao longo da noite?) Mas, se é a nostalgia que te habita agora,
então canta as Amantes, cujas celebradas paixões
todavia estão longe de ser imortais. Ao cantá-las,
quase invejarás as que se viram abandonadas, mas cujo amor
te parece maior, muito maior, que o de quantas tiveram

seu amor satisfeito. Seja como for, não cesses de cantar seu amor inacessível. E pensa: o herói dura sempre; mesmo a sua queda não é mais que simples subterfúgio, pretexto de seu último nascimento. Mas as Amantes, essas, a esgotada natureza as retoma no próprio seio, como se por duas vezes não tivessem força de triunfar em semelhante situação. Será que de Gaspara Stampa já suficientemente cantaste a lembrança, a fim de que toda a jovem a quem o amante fugiu, comovidamente possa desejar igualar o exemplo imenso de uma tal Amante? Estas dores, as mais antigas, não irão elas enfim tornar-se fecundas? E não será já tempo de nos libertarmos de quem amamos, nós os que amamos, trémulos vencedores? Ou de sermos como a flecha, retesada no arco, mais que ela própria, só toda ímpeto? Permanecer é que não é deste mundo.

Vozes, vozes. Ouve-as, meu coração, simplesmente como outrora apenas santos as ouviam: de tal modo que o apelo gigantesco os erguia do solo; e contudo permaneciam ajoelhados, inquebrantáveis, a tudo o mais desatentos: era assim que escutavam, escutando. Não que de Deus possas tu próprio escutar a voz. Mas, ao menos, o lamento do espaço, a mensagem sem fim, a advertência que se modela no silêncio. Sobe, agora, para ti, o rumor que provém de todos os jovens mortos. Onde quer que entrasses, igrejas de Roma ou de Nápoles, não eram seus destinos que em silêncio te falavam? Ou, então, sublime, uma inscrição a emocionar-te, como a dessa laje, há poucos dias, em Santa Maria Formosa. Que esperam eles de mim? Com doçura deverei retirar-lhes o semblante de injustiça em que por vezes um pouco se embaraça o movimento puro dessas almas.

Sem dúvida que é estranho não mais habitar a terra; não mais seguir os costumes que mal se tinham aprendido; não mais dar às rosas, ou a idênticas coisas, que também pareciam promessas, o significado do devir humano; não mais ser o que se tinha sido na infinita angústia das mãos; e, tal um brinquedo quebrado, abandonar até o próprio nome. Estranho, não mais desejos desejar; estranho, passar a ver o que tanto parecera estar unido,

agora solto, flutuando no espaço. Estar morto é uma situação difícil e cheia de recomeços, até que se volte a penetrar um tanto na eternidade. Mas os vivos cometem todos o erro de estabelecer distinções demasiado rígidas. Os anjos (diz-se) muita vez nem sabem se passam por entre os vivos ou os mortos. A corrente da eternidade consigo arrasta, incessante, todos os tempos através dos dois reinos, e a ambos funde no mesmo rumor.

Afinal, de nós não precisam os que a morte precoce arrebatou: docemente se privam do gosto das coisas terrenas, como nós, ao crescermos, nos afastamos da doçura do seio materno. Mas nós, que de tão grandes mistérios necessitamos, nós para quem o luto é frequentemente um sinal de benfazejo e íntimo progresso, como sem eles poderemos existir? Ou será vã a lenda de pensar que outrora, ao prantear-se Linos, a primeira música ousou penetrar na aridez do nada? Então, no aterrado espaço de onde o jovem herói, quase um deus, de súbito e para sempre se escapava, eis que o vazio atingiu enfim esta vibração que desde então nos arrebatava, nos consola, nos ajuda.

Duineser Elegien, «Die erste Elegie» (1923)